

PET-LETRAS: UMA JORNADA INDIVIDUAL E COLETIVA DENTRO DA UNIVERSIDADE

PET-LETRAS: UNE JOURNÉE INDIVIDUELLE ET COLLECTIVE DANS L'UNIVERSITÉ

Ana Beatriz Freire de Almeida¹

Resumo: Este trabalho é um relato de experiências vividas por uma participante egressa do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Durante os quatro anos em que participei do grupo, tive a oportunidade de fazer parte de ações que envolveram o tripé universitário de ensino-pesquisa-extensão. Nesse texto, apresento uma breve descrição da formação do PET-Letras da UFPE, de tutores e de suas atividades principais. Depois, relato algumas situações vivenciadas pelo grupo desde a seleção em que fui aprovada e classificada para participar do PET até a minha saída. Nessas recordações, estão inclusos eventos organizados, conversas, reuniões, confraternizações e participações em outras ações. Além dos projetos voltados para a comunidade acadêmica e extra-acadêmica, também discorro sobre a relação interna do grupo e como isso foi importante para a execução das atividades do PET-Letras. Por fim, relato de que forma participar desse programa auxiliou e ainda auxilia na minha trajetória profissional e pessoal. Estar envolvida em atividades de ensino, pesquisa e extensão, sobre as quais está fundado o PET-Letras, foi essencial para minha vivência acadêmica, especialmente por ter cursado uma licenciatura. Para relembrar esses momentos, além da memória, também obtive ajuda de fotos publicadas nas redes sociais do grupo.

Palavras-chave: PET. Letras. Relato de experiência.

Resumé: Ce travail est un rapport d'expériences vécues par une participante du Programme d'Enseignement Tutoriel (PET) Lettres à l'Université Fédérale de Pernambuco (UFPE). Pendant les quatre années que j'ai passées dans le groupe, j'ai eu l'opportunité de participer à des actions qui ont impliqué le trépied universitaire d'enseignement-recherche-extension. Dans ce texte, je présente une brève description de la formation du PET-Letras de l'UFPE, de ses tuteurs et de ses principales activités. Ensuite, je rapporte quelques situations vécues par le groupe depuis la sélection dans laquelle j'ai été approuvé et classé pour participer au PET jusqu'à ma sortie. Ces souvenirs comprennent des événements organisés, des conversations, des réunions, des fraternisations et des participations à d'autres actions. En plus des projets destinés à la communauté académique et non académique, je discute également à propos de la relation interne du groupe et de son importance pour la performance des activités du PET-Letras. Enfin, je rapporte comment ma participation à ce programme a aidé et aide encore ma trajectoire professionnelle et personnelle. Être impliquée dans des activités d'enseignement, de recherche e d'extensions, sur lequel PET-Letras est fondé, était essentiel pour mon expérience académique, notamment parce que j'avais obtenu un diplôme d'enseignante. Pour me souvenir de ces moments, en plus de la mémoire, je me suis également fait aider à partir de photos publiées sur les réseaux sociaux du groupe.

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Pernambuco. Participou do PET Letras da UFPE no período de 2016 a 2019.

Mots-clés: PET. Lettres. Rapport d'expérience.

1. Introdução

O que é PET? Às vezes é confundido com um projeto de reciclagem, outras vezes com um projeto voltado para o cuidado de cães e gatos, como alguns ex-colegas já me confidenciaram. O PET, na verdade, significa Programa de Educação Tutorial. No Manual de Orientações Básicas (MOB) do PET, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), lemos que o programa consiste em

[...] um grupo de alunos vinculado a um curso de graduação para desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão sob a orientação por um professor tutor [para] oportunizar aos estudantes a possibilidade de ampliar a gama de experiências em sua formação acadêmica e cidadã (BRASIL, 2006, p. 6).

Ainda que essa definição esteja certa, muitas faces do ser petiano não são mostradas por ela. É por isso que os convido a refletir um pouco sobre minha — nossa — trajetória no PET. Digo “minha” e “nossa” porque, em alguns momentos, é indistinguível a minha vivência da dos outros membros do grupo. Por isso, alterno entre a primeira pessoa do singular e do plural.

Sou licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Comecei o curso no segundo semestre de 2015. Ainda no primeiro período, conhecendo as possibilidades que uma universidade oferece, decidi que queria participar de tudo o que pudesse. Certo dia, soube que a seleção do PET-Letras estava aberta. Quando vi quem era a tutora, Lívia Suassuna, fiquei mais empolgada ainda. Fiz a minha inscrição e comecei a me preparar para as etapas, que incluíam prova escrita e entrevista. Procurei sobre o PET na internet e encontrei definições como aquela citada anteriormente, do MOB, mas ela era muito abstrata para mim. De toda forma, segui com a seleção e consegui passar. Oficialmente, ingressei no PET em julho de 2016; antes disso, no entanto, eu já participava das reuniões. Foi só a partir do momento em que me tornei petiana que consegui entender a essência do programa.

Neste relato, procuro apresentar algumas experiências vividas por mim no PET desde a minha entrada, em 2016, até a minha saída, em 2019, quando me formei. Para isso, divido o texto em mais quatro partes: “Um pouco sobre o PET Letras UFPE”, na qual discorro brevemente sobre a formação desse PET; “Viver o PET”, em que exponho algumas

experiências vividas no grupo; “A vida depois do PET”, na qual trato da influência do PET em minha trajetória profissional até o momento; e, para encerrar, algumas “Considerações finais”.

2. Um pouco sobre o PET-Letras UFPE

O PET Letras UFPE iniciou suas atividades em 2009. Dessa forma, quando ingressei, em 2016, ele já tinha um plano de atividades consolidado. O grupo era bastante heterogêneo, incluía pessoas dos primeiros e dos últimos períodos das licenciaturas em Letras ofertadas pela UFPE, que são Português, Inglês, Francês, Espanhol e Libras. As seleções, até o ano em que saí, eram pensadas para que sempre houvesse pessoas de todos esses cursos no grupo.

Durante o período em que participei do PET, pude trabalhar com três tutores. A primeira, que já mencionei, Lívia Suassuna, fundou o PET-Letras UFPE e atuou no programa até julho de 2016. Depois disso, quem assumiu a tutoria do grupo foi Clecio Bunzen, que exerceu esse papel até janeiro de 2019. Desde fevereiro deste ano até o momento atual, o tutor do PET-Letras é Marcelo Sibaldo. Os três são professores doutores da UFPE, que souberam conduzir o PET de forma que as ações do grupo perpassassem o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão e que atingissem três públicos: i) o acadêmico, ii) o extra-acadêmico e iii) o próprio grupo de petianos. Por esse motivo, a próxima seção, na qual trato da vivência no PET, é dividida em duas partes. Na primeira, discorro sobre a vivência interna do grupo, fundamental para compreender a segunda parte, que trata das ações voltadas para o público de fora, acadêmico ou extra-acadêmico.

3. Viver o PET

Nesta seção, recorro alguns momentos vividos no programa e os apresento em ordem cronológica. Para ajudar na construção dessa narrativa, além da memória, tive ajuda de fotos publicadas nas redes sociais do PET-Letras: o perfil do *Instagram* (<https://www.instagram.com/petletrasufpe/>) e o do *Facebook* (<https://web.facebook.com/PETLetras>).

3.1. Do PET para dentro

Quando ingressei no PET, nossas reuniões — sempre das 12h às 14h, nas terças-feiras, para que todos pudessem participar — ocorriam numa sala de aula reservada no Centro de Educação (CE) da UFPE. Era apenas nessas duas horas semanais que o grupo completo podia

se encontrar e conversar, além, é claro, das conversas casuais pelos corredores da universidade. No entanto, como eu era nova e o grupo era grande, não tinha proximidade com a maioria dos integrantes. Quando nos reuníamos para planejar ações, os encontros aconteciam na sala da tutora (na época, Lívia) ou na biblioteca, mas encontrávamos algumas adversidades nessa dinâmica. Às vezes, a tutora estava trabalhando na sala — afinal, a sala era dela —, ou não podíamos falar muito na biblioteca, ou não tínhamos lugar para guardar material do grupo. Depois de algum tempo e de muitas tentativas, já sob a orientação de um outro tutor, Clecio, conseguimos uma sala para o PET no Centro de Artes e Comunicação (CAC), onde fica o Departamento de Letras. O espaço era dividido com outros programas, mas tínhamos uma sala para chamar de nossa. A partir desse momento, a dinâmica interna do grupo mudou. Tínhamos um lugar próprio para marcar nossos planejamentos coletivos e para guardar o material do PET. Começamos apenas com a mesa e com as cadeiras que já eram do local. Aos poucos, e com a ajuda de professores, alunos, outros funcionários e custeios do governo, a sala foi sendo preenchida por móveis, computadores e materiais de escritório.

Além dos materiais físicos, o espaço foi sendo completado pelo espírito de colaboração, solidariedade, companheirismo, afeição, amizade e familiaridade. Muitas relações surgiram naquela sala. A partir do dia em que começou a existir a “sala do PET”, passamos a conviver, a ver o outro — às vezes, o dia todo —, a conversar com ele e a escutá-lo, mesmo que relatando seus problemas para alguém. Literalmente, compartilhávamos o pão, pois não era raro tomarmos café da manhã, almoçarmos ou jantarmos juntos entre um compromisso e outro. Esse clima uniu o grupo, de forma que aprendemos a viver perto de pessoas diferentes, que nem sempre concordavam com as ideias umas das outras, mas que estavam ali em conjunto em prol de um objetivo maior: o de propor e executar atividades que colaborassem para a nossa formação, para a formação dos outros estudantes e para o bem-estar da sociedade. Nessa convivência, ideias surgiam mediante as conversas.

Estabelecer essa relação dentro do grupo foi fundamental para a execução das atividades. Afinal, deveres e prazos não são totalmente confortáveis, mas o processo é facilitado quando temos pessoas em quem confiamos para dividir responsabilidades. Passemos, então, às ações do PET Letras UFPE.

3.2. Do PET para for

Ao ingressar na UFPE, pensei que as únicas tarefas que eu realizaria seriam as de ler livros, escrever artigos e apresentar seminários. Ainda bem que eu estava errada, e o PET foi

o primeiro a me mostrar isso. Executei várias atividades que eu nem imaginava que um dia faria, como escrever ofícios direcionados a departamentos, criar imagens de divulgação de eventos, editar vídeos, mediar mesas-redondas, entre outras.

As atividades semanais do PET incluíam reuniões de planejamento com o grupo todo, plantões de dúvidas para os alunos e postagens nas redes sociais. Os tutores do PET sempre incentivavam a participação dos petianos em outras atividades acadêmicas, como no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e no programa de monitoria acadêmica, já que ambos dialogam diretamente com os interesses do PET. Algumas atividades eram pontuais, a exemplo da organização de seleções para a entrada no grupo, da recepção dos novos alunos de Letras e do auxílio a ações dos departamentos (Letras e Educação). Além dessas atividades, nós também organizávamos pelo menos um evento por mês. Nos meus quatro anos de PET, pude participar de vários deles. A memória e o espaço não me permitem falar de todos, então, a seguir, apresento os que mais contribuíram para a minha formação até o momento.

O maior evento do PET-Letras UFPE é a “Jornada PET”, uma ação que dura alguns dias. Na sua programação, constam palestras, minicursos, momentos culturais, comunicações orais/sinalizadas e apresentações de pôsteres. Eu nunca tinha participado de um evento desse tipo, quem dirá organizado algum. Não sabia nem como tudo aquilo acontecia: como convidavam os palestrantes? Como reservavam salas e auditórios? Como inscreviam os participantes? Saber como um evento universitário ocorre nos bastidores mudou minha visão de eventos em geral. Isso porque hoje eu sei que, mesmo que algo não dê certo no dia, como a ocorrência de atrasos, isso é normal e tolerável, pois uma equipe se ocupou bastante antes daquele momento e apenas um imprevisto não pode tirar o valor daquele trabalho.

Pude participar de quatro jornadas do PET como organizadora, então, a cada edição, eu buscava um grupo de trabalho do qual nunca tinha participado. Assim, tive a oportunidade de aprender a escrever documentos e *e-mails* formais para as direções de centros acadêmicos e para convidados, de estabelecer uma relação com empresas para buscar apoio e patrocínio para o evento, de criar a identidade visual de divulgação do evento, de pensar em temáticas e em convidados, de organizar o espaço físico no dia da ação, de recepcionar participantes e convidados, de organizar certificados, entre outros ofícios. No PET, habilidades e talentos foram descobertos e/ou afloraram.

Para além dessa parte de organização, uma das coisas que mais me marcaram, tanto como profissional quanto como pessoa, foi o contato com pessoas e com temáticas que eu nunca tinha cogitado estudar. Conheci pessoalmente pesquisadores com os quais, até então, eu

só tinha contato por meio de textos. Como a maioria dos convidados ficava na sala do PET até a hora da palestra, pude conversar com alguns e notar que são seres humanos comuns e que é possível chegar àquele lugar em que eles estão.

Todas as atividades do PET tinham esses dois elementos lado a lado, o profissional e o humano. Isso foi o que mais me cativou durante esses anos. As outras atividades que eu exercia na universidade, apesar de gostar muito delas, eram diferentes do PET, porque eram mais solitárias. No PET, por outro lado, eu sentia que estava entre amigos, me sentia mais confortável, já que tinha alguém para me ajudar e, se preciso, para me repreender, porque isso também faz parte do processo de aprendizagem.

O PET também tinha um formato de evento chamado “PET-Promove”. Quando víamos a necessidade de debater sobre algum tema, convidávamos professores para promover uma oficina ou outro formato de evento pontual. Um PET-Promove foi a primeira ação que organizei como petiana. O evento, que ocorreu em 2016, se tratava de uma oficina intitulada “Repensando a Sintaxe na sala de aula”, ministrada por Ana Lima e Andrea Knöpfle, ambas professoras do departamento de Letras da UFPE na época. As professoras ensinaram conceitos básicos de sintaxe e demonstraram como ela poderia ser trabalhada em sala de aula. Na Figura 1, podemos ver uma foto tirada depois da oficina. Da esquerda para a direita, em pé, estão: Lucas Amorim, Arianne Morais, Pollyanna Quadros, Ana Lima, Andrea Knöpfle, Livia Suassuna, eu e Isis Albuquerque. Abaixadas, da esquerda para a direita, estão: Camila Montalvão, Rayanne Raffaele e Isabelle Santos.

Figura 1 – Pet-promove: “Repensando a sintaxe na sala de aula”, com as professoras Ana Lima e Andrea Knöpfle



Fonte: página do *Facebook* do PET-Letras UFPE (2016).

A abordagem da oficina foi interessante porque a primeira docente, Ana Lima, trabalha numa perspectiva funcional, enquanto os trabalhos de Andrea Knöpfle são voltados para o gerativismo. Então, além do trabalho com a sintaxe, ambas mostraram que era possível diferentes pensamentos linguísticos dialogarem para chegar a um mesmo objetivo. É interessante dizer que eu não sabia muito sobre sintaxe, ainda não tinha cursado essa disciplina na universidade, então esse foi meu primeiro contato com a área depois da escola. Esse contato, posteriormente, resultou na minha temática da dissertação de mestrado.

Um outro PET-Promove realizado pelo programa, em 2018, foi o “Histórias em quadrinhos na sala de aula”, que teve um formato de minicurso, ministrado por três professores e quadrinistas Joane Leôncio, Bruno Alves e Fábio Paiva. No curso de Letras da UFPE, não temos muito contato com histórias em quadrinhos (HQs). Pensando na sala de aula, é muito importante que os professores em formação conheçam esse modo de narrar histórias. Entretanto, para que um professor possa trabalhar esse conteúdo de forma que os alunos se interessem por ele, mesmo que não seja de sua preferência pessoal, o docente precisa compreender a organização desse gênero. Nesse evento, que também tive a oportunidade de organizar, pudemos ver os elementos que compõem uma HQ e exemplos de sua utilização em sala de aula. Esses conhecimentos me ajudaram logo depois, quando cursei estágio curricular, e repercutem até hoje na minha vida pessoal. Depois dele, desconstruí alguns preconceitos e me tornei uma apreciadora dos quadrinhos.

Discorrendo, agora, sobre um outro tipo de evento, o “PET-Cursos”, que tinha como característica encontros mais longos com os participantes, também tive a oportunidade de organizar e participar de alguns desses eventos. Trato, aqui, apenas de um, sobre o qual até hoje me pego repensando. Desde o começo do curso de Letras, sempre tive mais afinidade com as disciplinas de Linguística. Aos poucos, fui criando desafetos pela Literatura, mas tudo mudou com esse PET-Curso, cujo título foi “Da subjetividade do texto ao leitor: pela subjetividade na leitura de textos literários na sala de aula de línguas”, ministrado, em 2017, por Rosiane Xypas, professora de Letras da UFPE. Eu fui uma das responsáveis por sua organização e pude acompanhar o curso todo. As aulas ocorriam duas vezes por semana, cada encontro com 2 horas, totalizando 16 horas. Hoje, pensando naqueles dias, parece que foi um ano inteiro repleto de aprendizagens. Esse curso me fez me apaixonar por literatura, além de ter me ajudado com outros projetos pedagógicos depois. Rosiane é professora do curso de Francês, então os alunos das outras línguas não têm aulas com ela. Depois do minicurso, surgiram até depoimentos de pessoas querendo mudar de curso só para ter aula com ela.

Rosiane mostrou que, independentemente da língua em que esteja, é possível — e preciso — gostar de literatura, brincar com ela e senti-la. Essas atividades do PET, com professores da casa, também permitiam esse diálogo com alunos de outros cursos que, em outras oportunidades, não conheceriam esses profissionais.

O “PET-Cine & Debate” reunia pessoas para assistirem a um longa-metragem, ficcional ou documental, para que, a partir dele, houvesse um debate sobre o tema. Em uma das suas edições, quando o tema em questão estava sendo muito debatido socialmente devido ao projeto de lei “Escola sem Partido”, exibimos, em 2018, o documentário “Escola sem censura”, produzido por Rodrigo Duque Estrada e Ricardo Severo. No debate, contamos com a presença não apenas dos estudantes de Letras, mas também de algumas funcionárias da Gerência Regional da Educação de Pernambuco. Elas contribuíram bastante para as discussões com exemplos de situações que ocorriam cotidianamente nos seus espaços de trabalho, assim possibilitando um diálogo com a comunidade e preparando os professores em formação para seus futuros ofícios.

Além desses eventos organizados pelo nosso PET, participávamos de eventos em nome do PET. Nós sempre éramos levados a refletir sobre nossas ações no programa e os tutores nos estimulavam a apresentar essa reflexão em outros eventos. Um dos eventos de que participei em nome do PET foi a “1ª Semana de ensino, pesquisa, extensão e cultura”, realizado pela UFPE, em 2017, no qual, com outras duas petianas, Jéssica Nascimento e Isabelle Santos, apresentei o trabalho “Formação de professores de línguas e a Jornada PET Letras”. Numa outra oportunidade, na “XXVII Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários (GELNE)”, apresentei o trabalho “As jornadas no PET Letras da UFPE: reflexões sobre a formação de professores de línguas” com mais dois amigos petianos, Sarah Pedrosa e Gabriel Almeida. O primeiro evento se tratava de uma semana organizada pela universidade para a apresentação de projetos de pesquisa e de extensão realizados na universidade, enquanto o segundo era um congresso na área de Linguística. Aceitávamos todas as oportunidades que tínhamos para divulgar nosso trabalho, o apresentávamos e dialogávamos com as pessoas para mostrar a importância do PET.

Antes de sair do grupo, também tive a oportunidade de participar do “Encontro Nordeste dos Grupos do PET (ENEPET)” de 2019. Como foi realizado na UFPE, também fizemos parte de sua organização. Tanto nos eventos regionais dos grupos PET quanto nos estaduais e nacionais, temos a chance de conversar com grupos de todas as partes do país e de

trocar experiências, o que é positivo para a manutenção das atividades, seja para pensar em novas dinâmicas, seja para reformular as já existentes.

Em um dos últimos eventos do grupo que organizei e do qual participei como petiana, o curso “Gramática Tradicional”, que ocorreu em 2019, tive a oportunidade de conhecer mais o meu futuro orientador de mestrado, Francisco Eduardo Vieira, que ministrou as aulas. Ao contrário do que pode parecer pelo título, as aulas do curso não foram sobre prescrições gramaticais. O professor Eduardo mostrou o que há de comum entre as gramáticas da Antiguidade e as contemporâneas, dando bases para a “gramática tradicional”. Eu gostei muito do assunto, comecei a ler sobre ele e hoje realizo uma pesquisa nessa área.

Depois desse curso, ainda participei de uma campanha de doação de livros para a sala do PET, do ENEPET, de um processo seletivo do grupo, de uma série de postagens nas redes sociais e da VIII Jornada PET Letras UFPE e apresentei uma pesquisa num ciclo de seminários organizado pelo programa. Enfim, me graduei.

4. A vida depois do PET

A última reunião do PET foi dolorosa, porque eu sempre me senti muito acolhida, muito à vontade naquele ambiente. A Figura 2, com os petianos e o tutor, Marcelo Sibaldo, demonstra um pouco desse sentimento. Na parte de trás, da esquerda para a direita, estão: Jéssica Nascimento, Gabriel Almeida, Giulia Queiroz, Jullya Castro, Aline Milena, Sarah Cortes, eu e Marcelo Sibaldo. Na frente, da esquerda para a direita, estão: Bernardo Souza, Igor Rafael, Thais Serpa, Kelly Santos, Nathalia Costa, Milena Gamboa, Márcio Allan e Laís Honório.

Figura 2 – Minha última reunião no PET-Letras UFPE



Fonte: acervo pessoal.

Saber que eu não ia mais participar daquela dinâmica foi angustiante, mas descobri que existe vida após o PET. Meu desejo sempre foi o de seguir a carreira acadêmica, então o PET foi e está sendo decisivo nessa caminhada, porque não fiquei limitada apenas ao ensino: pude vivenciar a pesquisa e a extensão, tendo uma visão mais ampla do que acontece na universidade.

Fiz, então, o processo seletivo do Programa de Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ainda no final de 2019, no meio da escrita do TCC e da organização da Jornada PET, e fui aprovada. Escrevendo esse relato, percebi que o PET influenciou diretamente o meu mestrado, já que ele uniu as aprendizagens que obtive no primeiro evento que organizei — o que tratava da sintaxe — e num dos últimos — o que tratava de gramática tradicional, com meu atual orientador, Francisco Eduardo Vieira.

Além da influência no meu percurso profissional, a minha trajetória no PET me trouxe outros elementos que colaboraram para a minha vida pessoal: aprendi a lidar com pensamentos diferentes dos meus; fiquei menos tímida; aprendi a trabalhar em grupo; e entendi que aprender e ensinar é uma roda da fortuna. Um dia você está em cima, outro está embaixo, então seja bom e paciente.

5. Considerações finais

Nesses 4 anos de PET, vivi experiências que não cabem em algumas páginas. Tive de fazer recortes, mas guardo todos os aprendizados de todos esses dias, de todas as pessoas que conheci por causa do programa. Participar do PET é uma oportunidade de ouro que todos deveriam ter e que ninguém deveria desperdiçar. Tive muita sorte de, ainda “caloura”² na universidade, ter tido e aproveitado essa oportunidade. Minhas melhores lembranças da graduação estão relacionadas a esse programa. Se alguém estiver em dúvida, digo: vale a pena participar do PET!

Agradeço imensamente aos três tutores que me acolheram nesses anos — Lívia Suassuna, Clecio Bunzen e Marcelo Sibaldo — e a todos os petianos que passaram pelo programa nesse tempo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Departamento de Modernização e Programas de Educação Superior. Coordenação Geral de Relações

² Termo usado para se referir aos novos estudantes da universidade.

Acadêmicas de Graduação. Programa de Educação Tutorial. **Manual de Orientações Básicas**
– **PET**. Brasília: SESu, 2006.